



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

«O Novo Fanguero» faz exactamente cinco anos no dia de hoje. Já ultrapassamos o tempo de duração de todos os jornais que existiram nesta terra. Até há pouco o mais duradouro tinha sido «O Fanguero» que se publicou de 1958 a 1962 com muitos intervalos pelo meio.

Estamos convencido que o factor principal da extinção dos periódicos fangueros foi o económico. Dizemos **convencido**, mas no caso de «O Fanguero» podemos afirmar que **temos a certeza** pois estávamos lá. No que diz respeito a «O Novo Fanguero» o factor económico tem sido minimizado uma vez que o jornal se vai aguentando não exclusivamente a expensas da terra mas também com a contribuição de mais de metade de assinantes que são de fora e dos **sponsors** que na sua quase totalidade não são de cá.

Valeu a pena todo este empenho gasto na feitura do jornal? Uma publicação como «O Novo Fanguero» é ao mesmo tempo uma obra e um ideal. É um ideal porque não se esgota nem acaba com o

número que sai para a rua. Mas cada edição é algo acabado. Por isso é uma obra. É verdade, porém, que está em permanente devir. Daqui a conclusão de que se trata de uma obra + ideal que mês a mês nos esforçamos por editar, sempre com a esperança (um dos ingredientes do ideal) de que o próximo número será melhor.

FAZEMOS ANOS

«O Novo Fanguero» é ao mesmo tempo uma instituição de bairrismo e uma pedagogia. Como expressão de bairrismo é uma maravilhosa certeza. Com frequência nos chegam pedidos de assinaturas para os lugares mais remotos onde vivem conterrâneos e que por este cordão umbilical que é «O Novo Fanguero» pretendem permanecer ligados à terra-mãe. Ainda há poucos dias nos veio uma mensagem de Joaquim Carvalho (Água Doce) onde ele nos comunicava que a chegada do nosso jornal o tomava imen-

samente feliz. Era como se fosse uma visita que a terra lhe fazia.

É também «O Novo Fanguero» um esforço de pedagogia porque dentro das suas limitações procura apontar caminhos para que o indivíduo se realize quer como fanguero quer como pessoa humana.

E depois o nosso jornal é um registo de notas da vida desta terra ao longo dos seus anos de vida. Com que prazer entramos na bem organizada Biblioteca Pública do Porto e espriamos o nosso olhar por todos os jornais que já se publicaram em Fão. É o Fão de antigamente que vem até nós com toda a sua vida social, as suas figuras típicas e representativas, os factos mais notáveis. Folhear as páginas dos jornais de Fão é folhear as páginas da história fanguera. «O Novo Fanguero» será amanhã também um livro de história da vida da nossa terra.

É hoje ainda um porta-voz dos ideais e das aspirações dos seus habitantes.

Conscientes das múltiplas funções que incumbem a um jornal, vamos continuar o nosso caminho e esforçamo-nos por fazer cada vez melhor.

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

JAIME VINHAS

Foi já há um bom par de anos. Tarde soa-lheira e amena. No Clube Fãozense, na sala da Direcção, encontravam-se o dr. Alceu, o dr. Pimenta, o Zé Maia, Agonia Pereira, o Alvarino e Jaime Vinhas. Ia haver um combate de boxe entre estes dois últimos. O Jaime, campeão indiscutível dos torneios populares do Porto, (leves) apresentava-se aureolado de uma certa fama que lhe emprestava total confiança e um ar até displicente. O Alvarino, ligeiramente mais velho, destemido sem dúvida, tinha blasonado do conterrâneo boxeur e minimizado as suas vitórias. Ele, Alvarino, se alguma vez o defrontasse, vencia-o de certeza.

Alguém foi levar o «recado» ao Jaime que por sua vez não se fez rogado. Aceitava o repetro, sim senhor. Foi assim que o desafio se combinou. Alvarino ensaia uns saltos, faz umas fintas e o Jaime mantém-se impassível. deixa-se até tocar várias vezes, mas às tantas manda um *upercut* aos queixos do adversário e o Alvarino cai fulminado.

Bem, o Alvarino, quase toda a gente o conheceu. Morreu há pouco tempo. Era um simpático e pacífico barbeiro que, enquanto

ensaboava os seus clientes, ia dando conta do que contavam os jornais, sobretudo as notícias mais téticas.

Quanto ao Jaime Vinhas, ouçamos o que dizia o «Notícias» na altura, ano de 1941: «O leitor que vai ao box conhece bem o nosso entrevistado de hoje — chamam-lhe o rei do K.O.

O leitor que não vai ao box, mas que é desportista, conhece também, por certo, o nome dele — Jaime Vinhas. O seu «punch» fulminante celebrizou-o entre nós, dando-lhe grande popularidade. Da geração actual dos «Homens do Soco», o nosso entrevistado deve ser aquele que possui no seu palmarés maior número de vitórias por K.O. O seu punho tem a leveza de um malho ao bater.

Em maioria os adversários que o enfrentam temem o poder destruidor de seus punhos».

Pois então tivemos um campeão de box entre nós? É verdade que sim. O Jaime Vinhas nasceu em Fão a 12 de Junho de 1917. Aos doze anos foi morar para o Porto pois sua mãe com dois filhos já a estudar na cidade invicta — o Alceu na Faculdade de Farmácia e o Abel



no Magistério Primário — resolveu transmutar-se para aquela cidade uma vez que tinha um outro filho em idade de estudar. Era

(Continua na pág. 2)

JAIME VINHAS

(Continuado da pág. 1)

o Jaime que se matriculou na Escola Oliveira Martins.

Na sua juventude Jaime Vinhas foi acometido de uma doença intestinal que resistia aos mais porfiados tratamentos. Cumpria por isso uma dieta rigorosa de grelhados e papa. Aos quinze anos pensou que se praticasse qualquer desporto e fizesse muita ginástica o mal era capaz de parar. Tentou então várias modalidades, remo, basquetebol, futebol mas acabou por preferenciar o pugilismo pois era este o desporto que lhe exigia mais preparação física. Por coincidência ou não, ao fim de seis meses estava completamente curado, pelo que abandonou as dietas e começou a comer de tudo. Entretanto deixou-se ficar no box, desporto a que passou a dedicar maior entusiasmo.



Em 1935, tinha o nosso conterrâneo 17 anos de idade e um de box, quando Santa Camarão e D. da Velha, famosos boxeers portugueses mas radicados nos Estados Unidos, resolveram fazer uma visita ao Porto. Em sua honra a Associação Portuense de Box promoveu um torneio popular. Precisava-se de um homem que fosse representar o Fluvial na categoria de leves para defrontar o consagrado José Afonso, do F. C. Porto. O clube, onde aliás Jaime estava inscrito, convidou-o. Ele aceitou e apesar de ser um estreante, venceu o seu opositor ao 4.º assalto por K.O. Ganhou, gostou e continuou a praticar a modalidade, sempre como amador, o que significava que não podia receber dinheiro pelos combates realizados. Nem sequer um brinde.

Continuou nesta situação até 1939. Por essa altura dispndia já 4 horas de treinos diá-

rios e os estudos entraram por isso em *stand by*.

Como sobrevivia sem ganhar dinheiro na modalidade e com o orgulho bastante para não querer onerar a família? Alguns comerciantes portuenses proporcionavam uns empregos de horários livres aos *boxeurs* que na altura disfrutavam de uma certa aura exactamente como hoje acontece a alguns atletas. Isso permitia a sobrevivência.

Jaime tornou-se campeão de leves no Norte. Praticamente não havia campeonatos nacionais, pois os de Lisboa só os organizavam quando havia a certeza de a maioria dos títulos ficar do lado de lá. O tal bairrismo lisboeta...

Ora nesse ano de 1939 o Presidente da Federação lembrou-se de organizar torneios em Lisboa para promover o box. Todas as semanas eram convidados pugilistas do Porto, os mais consagrados, e quando chegou a vez de Jaime Vinhas, este teve que defrontar o profissional Matos Fernandes que era meio-pesado e o Jaime, meio-médio. Era uma questão de peso. Ainda assim a vitória pendeu para o atleta fangueiro que viu premiado o seu feito, no final do desafio, com um envelope que lhe foi mandado entregar por João Pereira da Rosa, director de «O Século» e um dos organizadores. Continha esc. 500\$00 que teve de partilhar com o seu adversário. Poucos minutos após, surgiram os homens da Federação que exigiram o seu ingresso como profissional. Custou-lhe a inscrição esc. 350\$00, mais cem do que tinha recebido como prémio do jogo. Ficou depois uma temporada em Lisboa para disputar outros torneios. Disputava combates de médios sendo meio-médio. Algumas vezes vinha ao Porto, sempre para travar combates de box.

Ao todo disputou cerca de 130 «matches», tendo perdido apenas três. Um destes foi contra Rebordão que era mano de Amália Rodrigues. Foi vencido aos pontos mas vencê-lo-ia mais tarde.

Teve os seus momentos de desânimo como foi na altura em que não lhe homologaram o título de médio. Já o era (campeão) de meios médios. Acabou por se empregar na Firma Rocha Gonçalves, no Porto. Como os patrões não gostavam de o ver chegar ao escritório com a cara esmurrada, foi emprateando as luvas. Já na época de quarenta, transferiu-se para África ao serviço da firma onde trabalhava no Porto.

Por lá se manteve 34 anos com algumas vindas à metrópole. Actualmente vive na cidade tripeira onde em roda de amigos evoca as proezas de boxeur quase imbatível, ou seja, 97,7 vitorioso.

PAGARAM A ASSINATURA

1985/86/87 — Francisco Gomes Amorim, Fão, 1500\$00. 1986 — Alberto Cabeleireiro, Esposende, 500\$00; José Felgueiras, Esposende, 500\$00. 1987/88 — Dr. António Oliveira, Esposende, 1000\$00; Aníbal Cabeleireiro, Fão, 1000\$00. 1987/88/89 — Manuel Costa Cardoso, Fão, 1500\$00; Júlio Campos Pimenta, Lisboa, 1500\$00. 1988 — Rui Lúcio Gomes, Albufeira, 500\$00; António Lopes Monteiro Gonçalves, Barcelos, 1000\$00; José Sá, V. N. Gaia, 500\$00; António Peixoto, Fão, 500\$00; D. M.ª Arlete Fernandes, Porto, 500\$00; José António Capitão Machado, Fão, 500\$00; D. Maria de Lourdes Santos Serra, Fão, 500\$00; D. Dolores Gonçalves Gouveia, Barreiro, 500\$00. 1988/89 — Armandino Antunes, Porto, 1000\$00; António Silva, Fão, 500\$00; Castimiro Matias, Lisboa, 1000\$00; Manuel Vale de Sousa, Fão, 1000\$00; D. M.ª Manuela Mendanha, Lisboa, 2000\$00; Joaquim Carvalho, França, 2000\$00; Valdemar Marinho Alves, Fão, 1000\$00; Marcos da Costa Reis, Fão, 1000\$00. 1989 — Fernando Marques Ferreira Almeida, Porto, 2000\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Paulo Ribeiro Branco, Brasil, 1000\$00; Café Sport, Fão, 500\$00; Manuel Parente Oliveira, Porto, 500\$00; D. Mariana Riedl, Alemanha, 1230\$00; José Fernandes Branco, Gandra, 500\$00; Joaquim Morais da Silva, Lisboa, 500\$00; Supermercado Linus, Fão, 1000\$00; D. Olívia Araújo, Porto, 1000\$00; D. Ana da Costa Figueiredo, Fão, 500\$00; Dr. Joaquim Peixoto, Esposende, 1000\$00; José Augusto O. P. Queirós, Lisboa, 1000\$00; Manuel Miranda Trindade, Apúlia, 500\$00; Farmácia Apuliense, Apúlia, 500\$00; Dr. Óscar Gomes, Braga, 500\$00; D. M.ª Celeste Sá Pereira Portela, P. de Varzim, 700\$00; Manuel Afonso Novo, Fonteboua, 500\$00; Dr. Joaquim Hernâni Vinha Novais, Fão, 500\$00; Angélico Nuno Gomes Maciel, França, 1000\$00; António Torres, França, 2500\$00; Alberto Ribeiro Bermudes, Maia, 500\$00; Manuel Silva, Rio Tinto, 1000\$00; Carlos Maia, Fão, 500\$00; Ernestino Machado do Vale, Fão, 500\$00; Joaquim Brito Lacerda, Gaia, 500\$00; João Emílio Sá Pereira, Fão, 500\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 800\$00; Pã-Pã, Fão, 500\$00; José Martins Correia, Espinho, 500\$00; José de Sá Pereira, Fão, 500\$00; Com. Carlos Bacelar Pires, Braga, 500\$00; Carlos Cardoso Salgado, Brasil, 1000\$00; Fernando Rego, V. N. Gaia, 1000\$00; Hermenegildo Morais Gomes, V. N. Gaia, 500\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 500\$00; D. Berta Pinto de Campos, Porto, 500\$00; António Cândido da Mota Lopes, 500\$00; José Francisco Torres Fernandes, Fão, 500\$; Leonor Ribeiro, Fão, 500\$00.

DOENTE

Encontra-se internado no nosso Hospital, o senhor Professor Carlos Oliveira Martins, durante muitos anos ao serviço do Concelho e do Ensino, quer como Presidente da Câmara; Comandante dos Bombeiros de Esposende e Delegado Escolar. Que melhore depressa, são os nosso votos.

EMPREGADO

Para Estação de Serviço
Com carta de Condução
Admite a GARAGEM SANTOS
Rua Tenente Valadim, 71
6490 PÓVOA DE VARZIM — Telef. 624703

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Ríza Júnior, 167 — Telef. 22011-27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

PESCADORES E PESCA EM CRISE

Fão já foi um centro de pesca notável. Hoje existem apenas uns dez pescadores profissionais em meio de duas dúzias semi-profissionais. No mar de Fão e quem diz mar de Fão diz a «Beirade» que vai de Averomar a Caminha, já não há lagosta nem camarão, o famoso e gptoso camarão do nosso mar. As janecas, os congros e outras espécies também rareiam.

Os pescadores atribuem a culpa de tal despovoamento aos arrastões que lançam redes de malha estreita que não faz quaisquer cerimónias com as espécies que apanha. Tanto vem miúdos como graúdos. Quem pesca hoje não quer saber das gerações de amanhã. O que interessa é encher os barcos.

O mesmo aliás se está a passar com a lampreia. Só que desta feita quem está a prevaricar são os nossos pescadores. Todos vimos as duas fiadas de redes colocadas de margem a margem do rio para apanhar lampreias. Nunca tal se tinha visto e em nossa opinião não há petromizontídeo que resista. Mais alguns

anos e a famosa lampreia do rio Cávado, Cávado que está moribundo, será apenas uma recordação para os nossos netos. É bom também que se diga que os nossos pescadores ou apanhadores de lampreia não se incomodam com o futuro.

Voltemos à pesca do mar. Não há dúvida que a manterem-se assim as coisas, a vida vai-se tornando negra para os profissionais que costumam pescar num raio de acção, que não ultrapassa as 25 braças.

Os pescadores de Fão e todos os seus camaradas vizinhos clamam por uma maior vigilância por parte dos barcos que têm por missão fiscalizar a costa. Eles queixam-se que a cada passo deparam com barcos portugueses e espanhóis com redes de malha estreita estendidas sobre o mar. Acrescentam, porém, que muito raramente vêem um barco de fiscalização a fazer a vigilância das águas portuguesas.

Moral da história: os nossos pescadores não devem fazer aquilo que por analogia condenam nos outros.

AO CAIR DA FOLHA

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Há pouco mais de um século, Fão não possuía a ponte metálica que hoje atravessa o rio Cávado e, conseqüentemente não existia a estrada que faz a sua ligação, como é lógico.

A sua construção alterou profundamente a fisionomia desta terra. Não só a dividiu como trouxe outras alterações.

Um facto curioso dessa metamorfose é que o cemitério que hoje conhecemos com a sua majestosa entrada principal virada para nascente, não teria sido assim em virtude de não existir a estrada que hoje ali passa.

A entrada para o cemitério seria por onde hoje são as traseiras, ou seja pelo caminho de S.to António.

Para confirmar tal facto, existiu até há bem pouco tempo na capela da Sr.ª da Boa Morte um quadro de razoáveis dimensões, pintura a óleo que mostrava com impressionante rigor toda a fachada «Hoje traseiras» do cemitério. Ao lado do portão uma quantidade de caixões ocupadas com os respectivos mortos.

Dizem que o quadro pretendia representar uma das pestes que assolaram esta terra. Afirmavam que era a pneumónica, mas como esta peste se manifestou em 1917 havia quem dissesse que o quadro era muito mais antigo.

Sabendo como sabemos que muitas outras pestes houve anteriormente a esta, não custa acreditar que o quadro seria também muito mais antigo.

Para desgraça nossa, o quadro já lá se não encontra. Diz-se que fôra roubado, o que não me espanta, em virtude do surto de roubos de obras de arte, que ultimamente tem havido em igrejas.

O que me espanta, sim, é não se terem tomado nenhuma medidas para recuperar tal obra. Ou será que estou mal informado? O facto foi comunicado às autoridades policiais?

A obra, dado as suas dimensões, é coisa que não se pode esconder numa gaveta, e por esse motivo, não seria muito difícil às autoridades a sua recuperação.

Estes apontamentos não pretendem acusar ninguém em particular, mas sim a toda a população, que de ano para ano assiste imperturbavelmente ao saque do seu património sem se importar muito com isso.

Fão, a terra que nos viu nascer e que temos obrigação de defender, está cada vez mais pobre.

Obras na ponte

Estão a reduzir as partes mais salientes do interior da ponte de Fão. A este propósito a Assembleia Municipal enviou à Junta Autónoma de Estradas e à Direcção de Conservação de Pontes o seguinte telegrama:

«Em face das obras que se têm realizado na ponte de Fão, nomeadamente na sua estrutura metálica que altera substancialmente a arquitectura da obra e o seu perfil, a Assembleia Municipal reunida hoje, dia 25 de Abril protesta pelo modo como estão a ser feitas por considerar que é lesado um monumento que é classificado de interesse nacional.»

CLIPOVOA

CLÍNICA MÉDICA DA PÓVOA DE VARZIM, SA
SAÚDE É CONNOSCO

O MAIOR E MAIS MODERNO HOSPITAL PRIVADO DO PAÍS

ESPECIALIDADES MÉDICO-CIRURGICAS

Anatomia Patológica
Anestesia e Reanimação
Cardiologia
Cirurgia Geral
Cirurgia Pediátrica
Cirurgia Plástica
Cirurgia Torácica
Cirurgia Vascular
Clínica Geral
Dermatovenereologia
Doenças Infecciosas
Endocrinologia-Nutrição
Estomatologia
Gastroenterologia
Ginecologia-Obstetrícia
Hemoterapia e Hematologia Clínica
Imunológico
Medicina Física e Reabilitação
Medicina Interna
Nefrologia
Neurologia
Neurocirurgia
Oftalmologia
Ortopedia
Otorrinolaringologia
Patologia Clínica
Pediatria
Pneumotisiologia
Psiquiatria
Reumatologia
Urologia/Litotripsia

EXAMES COMPLEMENTARES

DE DIAGNÓSTICO
Análises Clínicas
Radiologia Convencional
Ecografia
Mamografia
Tomografia Axial Computadorizada (TAC)
Ressonância Magnética Nuclear
Endoscopia Digestiva
Electrocardiografia
Electroencefalografia
Angiodinografia

CONVENÇÕES COM:

- ADSE (inclui também partos e internamentos; o doente paga só a sua parte)
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS (acordo preferencial);
- SAMS (acordo global);
- EDP (acordo global)

**24 HORAS
AO SEU SERVIÇO**

CLIHOTEL

Proporciona aos idosos, pela primeira vez em Portugal, o sistema ideal para, através do «uso vitalício», dispor de um hotel-hospital durante 24 horas ao seu serviço.

AUDITÓRIO

Para Congressos, SImpósios e Jornadas Médicas e Científicas, com capacidade para 200 pessoas.

CLIPOVOA — CLÍNICA MÉDICA DA PÓVOA DE VARZIM, SA

Telefones, 685111 / 685123 / 685135 — Telex 29782 CLIPÓV P — Telefax 684323

Lugar de Penouces — Apartado 130 — 4491 PÓVOA DE VARZIM CODEX

Na rota do Vinho do Porto

Fomos de visita à região vinhateira do Douro. Tivemos a oportunidade de subir três enclusas: Crestuma/Lever Carrapatelo e Bagáuste/Réguia. Não sabemos o que mais admirar ou o que melhor recordar: se as margens em decalque da região do douro, se as águas calmas e puras (sem tinturarias), se as manobras bem executadas da marinhagem para levar o barco até lá cima, ao nível das águas: 13 metros em Lever, 34 em Carrapatelo e 27 em Bagáuste.

Uma coisa é certa. Fica-se indelevelmente marcado por aquele passeio.

Foi nos dias 23 e 24 de Abril. A primeira viagem fez-se do Porto à Réguia. João de Freitas que conhece o percurso palmo a palmo ciceronizou o passeio. A panorâmica é empolgante mas as suas palavras não o são menos. É um eterno enamorado do Douro. Os de Esposende que o saibam... Conhece as desembocaduras do rio, os montes, as quintas, as pessoas que lá moram, as lendas que envolvem as moradias. É um livro aberto.

O serviço a bordo (do Ribadouro) é excelente. Pequeno almoço e almoço foram lá tomados. O primeiro ensaio, subida de enclusa, provoca um certo *frisson*. Há avisos, executam-se manobras e a gente sobe com o nível das águas. É um alongado compartimento com duas «salas». A primeira apresenta o nível das águas de juzante. A segunda está com o nível de montante. O primeiro compartimento enche-se de água até que os dois níveis se igualem. Baixa-se depois a comporta e o barco, já num plano superior, segue o seu curso. Muito fácil de descrever e acontecer.

A Réguia com pouco comércio, pobre de arquitectura e urbanização, esperava-nos. Fi-

camos aboletados na Residencial Columba-no. Jantámos no restaurante Arco-Íris. Serviço sempre impecável.

No segundo tivemos o pequeno almoço às 8, seguiu-se o transfert para o Cais da Guarda às 9 e a partida do Ribadouro para o Pinhão às 9,30 horas.

A paisagem toca as raíças do fantástico. Os terrenos são milimetricamente aproveitados. À nossa frente as várias casas e quintas que suportam a fama do Vinho do Porto. Os olhos comem gulosamente a paisagem.

MERCADO DE NOTÍCIAS

Por QUIM DE FÃO + NÉ DOS LÍRIOS

MADRUGADA SANGRENTO

— Ourivesaria de Domingos Assunção Assaltada

— *Uma senhora foi assassinada a tiro quando, por entre os vidros e com a luz apagada, via marginais, talvez ciganos, a tentarem roubar a ourivesaria, pertencente ao senhor Domingos Assunção, situada na Rua Azevedo Coutinho, na nossa vila.*

O crime e tentativa de assalto foram perpetrados no dia 26 de Abril, por volta das 3 horas da manhã.

Munidos de instrumentos apropriados ao assalto e roubo, os marginais, empunhando armas caçadeiras, forçaram os talpiais e grades da montra da ourivesaria que fica no rés-do-chão, onde habitava a dona do prédio, senhora Maria Ferreira de Araújo, de 47 anos, natural de Vilar de Figs, mas residente na nossa terra há já alguns anos, com o marido ausente na África do Sul.

Alertada pelo barulho, foi junto da janela e quando tentava espertar o que acontecia, levou com dois tiros de arma de caça. os cbumbos espalharam-se pelo rosto que ficou parcialmente esfacelado e pelo couro cabeludo.

Inauguramos a nova barragem de Bagáuste. A mesma sincronização, os mesmos avisos e toca a elevar-nos mais umas dezenas de metros. Lá estavam os famosos patamares de vinhedos cobrindo imensidões de encostas e colinas. Espectáculo único no mundo, diz o desdobraível que nos é distribuído. Estamos de acordo.

Um lauto almoço na quinta Taylor finaliza este inesquecível passeio cujo retorno se faz de comboio, que pelo acerto dos horários, nem parecia que era português.

Uma pergunta inocente: não seria possível tornar assim (relativamente) navegável o rio Cávado entre Esposende e Barcelos?

Ao estampido dos tiros e aos gritos da filha, acorreram os vizinhos. Chamada a ambulância dos nossos bombeiros, foi a senhora transportada ao hospital de Esposende, onde chegou, praticamente, sem vida.

Os assaltantes ainda foram vistos fugir por alguém que forneceu à GNR e Polícia Judiciária elementos preciosos para a sua captura.

(Cont. na pág. 8)

Retalhos de poesia...

CARTÃO DE IDENTIDADE!

Para uso pessoal
O meu cartão fi-lo eu,
Sem selos e assinaturas!
Sou uma cidadã do mundo
Filha natural de deus
E irmã das criaturas!

O meu nome é «Igualdade»
Ou «Amor», como quiseres...
Sem data ou filiação!
Nasci no centro da terra,
Em manhã de Primavera,
Estava o mundo em floração...

Para mim, não há fronteiras
Porque a terra é de ninguém...
Faço anos, hora a hora
Sem prendas, nem parabéns.
O meu cartão, não caduca,
É eterno, aqui o tens...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

ESPECTÁCULO

Igreja Matriz de Esposende houve uma Audição de Música da Academia de Música de S. Pio X, de Vila do Conde, no dia 15 de Abril.

Teve duas partes, cada uma com 16 peças com músicas de autores clássicos. A «casa» esteve boa nomeadamente com alunos da Escola de Música de Esposende.

Associação Barmen de Portugal

Desta Associação recebemos um convite para estarmos presente no festival de Cocktails Luso-Espanhol no Hotel Vermar da Póvoa de Varzim e ainda para o jantar de Gala do encerramento do III Congresso Nacional de Barmen no Monumental Casino da Póvoa de Varzim, no dia 16 de Abril.

Gratos pela deferência.



o que é bom da natureza



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoitas. Terraços. Jardins. Nevadadas. Piscinas. Ténis.

PÁGINA JOVEM

É Maravilhoso, Senhor!

Olá, jovens! O vosso Jornal está de parabéns: completa cinco anos de vida. E o Tiago Jorge não esqueceu o facto. Ora reparem para o desenho!

ENTREVISTA

(Conclusão)

SOBRE A DROGA É DIFÍCIL FALAR E OUVIR FALAR

Ent. — Falou-nos há pouco em alguns problemas prementes da juventude, como a droga, por exemplo. Quer indicar-nos alguns dados estatísticos?

M.B. — Em relação à droga difícil é fazer o levantamento de alguns dados estatísticos na medida em que, como sabe o drogado não gosta de se declarar como tal. Outra dificuldade que se levanta é o fato de os pais sentirem vergonha dos seus filhos por serem drogados e nada fazem para os ajudarem. Mas posso dizer que há inúmeras entidades que estão directamente interessadas no combate à droga. O ministério da juventude através do projecto Vida, tenta em protocolo e em colaboração com outras entidades levar a efeito uma campanha nacional de sensibilização contra a droga. convém salientar o papel desempenhado pelo PATRIAJ em relação à defesa dos jovens drogados e de os salvar da auto-destruição. Costuma dizer-se que a droga é uma consequência de mau relacionamento familiar, da sociedade e das perspectivas futuras dos jovens. Não haja dúvida que neste momento as instituições oficiais ligadas à saúde, à educação e à juventude, lutam de mãos dadas, sem esquecer o apoio da comunicação social, contra a droga.

Neste momento o que é necessário é pôr fim aos mercados de tráfico de droga, em vez de serem cubaias de um produto altamente rentável, resultado da degradação da nossa sociedade.

A VIAGEM AO PARLAMENTO EUROPEU

Ent. — Para concluirmos soube há dias que se deslocou ao parlamento europeu. Que impressões colheu dessa viagem?

M.B. — Fui essencialmente com o objectivo de tomar conhecimento do funcionamento do parlamento europeu, além disso esta

viagem proporcionou-me um contacto com as estruturas responsáveis ligadas ao parlamento europeu e a tomar contacto com os problemas da juventude europeia. As impressões foram óptimas, senti-me um Português dentro do parlamento europeu; pelo facto de se falar a nossa língua e porque os nossos deputados são aceites como cidadãos europeus. E é nesse âmbito que nós responsáveis e técnicos de juventude temos que considerar que os nossos jovens, não são jovens de Braga, não são jovens de Portugal, mas sim jovens europeus.

IVA SÓNIA PIMENTEL

PAUSA PARA SORRIR

Num pequeno avião, viajavam: um sacerdote, um político, um financeiro e um jovem.

A certa altura, o piloto detecta uma avaria e previne os passageiros de que é preciso abandonar o avião, saltando de pára-quadras. O problema é que, para os quatro passageiros só há três pára-quadras.

Imediatamente o político agarra num, dizendo que a sua vida é preciosa à política do seu país, e salta. O financeiro alega também ser indispensável à economia da sua pátria e salta com outro pára-quadras.

Fica apenas um pára-quadras para o sacerdote e o jovem. aquele, olha o jovem, e diz-lhe bondosamente: — «Bem, meu filho, eu já vivi muito, tu ainda és novo, leva o pára-quadras que eu não me importo de morrer».

Responde, pronto, o jovem: — «Não se preocupe, sr. Abade, porque ainda há dois pára-quadras. O político saltou com a minha mochila!...»

★

Um recruta pede ao seu capitão oito dias de licença para ir visitar uma sua tia que estava moribunda.

Responde o capitão: — «Concedido. Mas já ficas avisado de que se a tua tia não morrer no prazo de oito dias, apanhas um mês de prisão!»

★

Um hóspede vai pernoitar num hotel. Repara que os lençóis da cama estão amarrotados e enxovalhados. Chama o criado e apresenta a sua reclamação.

Diz o criado, muito admirado: — «Parece impossível! Até agora ainda ninguém se queixou, e olhe que tem dormido muita gente neles!...»

★

Numa discussão, diz o marido à mulher: — «É falso eu gostar mais da minha família do que da tua! Olha, por exemplo, gosto muito mais da tua sogra do que da minha.»

*É maravilhoso, Senhor, ter
Meus braços perfeitos
Quando há tantos mutilados!
Meus olhos perfeitos
Quando há tantos sem luz!
Minha voz que canta
Quando tantas emudeceram!
Minhas mãos que trabalham
Quando tantas mendigam!
É maravilhoso, Senhor,
Voltar para casa
Quando tantos não têm para onde ir!
É maravilhoso
Amar, viver, sonhar, sorrir,
Quando há tantos que choram,
Odeiam, revolvem em pesadelos,
Morrem antes de nascer.
É maravilhoso ter um Deus para
Crer
Quando tantos não têm
O consolo de uma crença.
É maravilhoso, Senhor, sobretudo
Ter tão pouco a pedir,
Tanto a oferecer e a agradecer.*

JOLY DULAC

NOITE SEM FIM

Noite sem estrelas
Lua cheia
Estores entre-abertos.
Uma nuvem de fumo
Sufocando aquele quarto...
A música clássica
Vindo daquele rádio
Velho e estafado...
As rugas atacam a face
De um rosto outrora jovem,
Fumando a beata,
Esperando a morte...

PAULO MAGALHÃES
(15 anos)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus 



TIAGO OLIVEIRA/89

Cartas ao DIRECTOR

OBSERVAÇÕES

Presado Armando:

Há dias passados encontrei-me com o filho de um casal de fangueiros, nascido aqui no Rio, e que no ano passado esteve em Fão em companhia dos pais, com a mulher e dois filhos.

Depois de me dizer das maravilhas de Fão e do prazer da sua visita à terra dos pais e dos irmãos, pois tem irmãos que nasceram em Fão, disse-me que tinha lido uma carta minha no número 57 do nosso «Novo Fangueiro», e que não gostou de uma referência do «Quim de Fão» aos brasileiros.

Prometi-lhe reler o artigo, pois não tinha anotado a frase que o magoou, o que fiz logo ao chegar em casa, onde deparei essa referência que diz:

— «Será que vamos ter uma enxurrada de brasileiros?»

Então pensativo fiquei sentindo tudo o que ele me disse.

— Não gostei disso primo, falou-me, afinal meus pais, como o senhor, vieram para o Brasil, como vieram milhões de portugueses, meu irmão é português e formou-se em engenheiro nas Universidades do Brasil, e em Portugal existem riquezas e mais riquezas levadas daqui do Brasil, portanto não é justo que exista alguém temendo uma «ENXURRADA DE BRASILEIROS», que merecem em qualquer lugar o mesmo respeito que nós aqui no Brasil damos, não só a todos os portugueses como a todos os estrangeiros que aqui vêm, pois é do conhecimento de todos que o Brasil recebe os imigrantes de todas as partes do mundo.

Ora, diz ainda a opinião do articulista; que se for para o bem de Fão, *serão bem vindos*? desde que ajudem a nossa «velhinha e doente terra».

Pobre do Brasil, que nunca fez objecção a ninguém, e aceitou tudo o que veio para cá, e como fizeram coisas boas e

más, sem que fossem observados em nada.

Gostei da observação desse filho de fangueiro que teve tantos elogios para a visita à terra de seus pais e avós, e ainda é descendente de nossas raízes, mas também já passei aí por essa decepção de ser *discriminado* por aqueles que julgam que os visitantes vão-lhe dar algum prejuízo ou tirar o seu lugar!!!

Mas às vezes acontece uma frase ou uma palavra que magoa, muitas vezes sem que a intenção do autor seja nesse sentido, mas faço a «observação», pelo facto do Carlos ter voltado tão encantado de Fão e notado uma referência aos brasileiros que não lhe agradou.

Afinal de contas, Portugal tem muito a ver com o Brasil e isso deve ser reconhecido por todos, em todos os sentidos.

Com os meus abraços

Amândio Caramalho.

★

O MEU PONTO DE VISTA

Para além daquilo que nos une, como portugueses e brasileiros, caro conterrâneo, não prescindo do meu ponto de vista quanto a uma «enxurrada de brasileiros?» Devo esclarecê-lo que eu pergunto. Não afirmo. Depois o significativo «enxurrada» tanto poderá significar «muitos» como «no enxurro», isto é, na marca da maré, a interpretação é sua. Depois, afirmo: «São sempre bem vindos, desde que ajudem ao progresso...» Que mais quer? Outro I.A.R.N.? Hotéis de 5 estrelas? Supremacia em lugares públicos? Isto foi o que os portugueses ofereceram a outros portugueses — angolanos e moçambicanos — que se viram «forçados» a regressar.

Se o Brasil «aceitou tudo... e que fizeram coisas boas e más...», nós não temos nem devemos copiar o «Brasil» nesse aspecto. Aliás o Brasil é feito de uma multifacetada população desde a de origem africana à Europeia. Os nativos de quinhentos «foram-se». São peças de museu.

Mas, meu caro, digo-lhe mais, o tempo em que o brasileiro via em cada português um «estúpido» já lá vai, embora as nossas anedotas façam de nós o tal «Manel e Joaquim». Já leu o livro organizado por um tal Laert Sarrumon, intitulado «Mil piadas do Brasil»? Logo na primeira página diz «é a hora de virar as próximas páginas e encontrar o português, a bicha, o «crioulo»...». O que fez o conterrâneo para que este livro não circulasse? Quem ridiculariza mais? nós?

Quer saber mais?

— O nosso jornal diário «Comércio do Porto» diz em 3 de Abril de 1989 «Cer-

ca de 2 mil a exercer clandestinamente...»

«Dentistas brasileiros» invadem Portugal».

Depois, no corpo da notícia afirma «CEE determinou «estabelecer pressão comunitária sobre o Governo português para evitar o exercício da actividade por falta de profissionais brasileiros de duvidosa capacidade». E a notícia continua...

Não faltam «Zeca Diabos» em Portugal!!!

— O que me diz dos patrões do seleccionado brasileiro, ainda recentemente, na Arábia Saudita, ao afirmarem que o jogo de futebol com os portugueses seria um treino...

Foi um treino, foi e um ensaio de humildade da nossa parte. Ganhámos e fomos campeões do mundo. Afinal quem «chincalha».

— Não serão «enxurrada» os milhares de «profissionais da bola» de fraca qualidade? Bons, são poucos; muitos... muitos são péssimos. Continuamos a mostrar na selecção nacional que não precisamos de «brasileiros».

Depois, já perto do fim, o conterrâneo diz «já passei aí por essa decepção de ser discriminado...»

— Sabe, o povo de Fão é ardentemente religioso e católico. O povo de Fão tem um culto muito profundo aos seus santos — Senhor Bom Jesus, Santo António, Senhora da Bonança — e por vezes não gosta que lhe pretendam oferecer determinadas ideologias. Quando assim é, não temos que estranhar determinadas atitudes, a que o conterrâneo chama «discriminado».

Além disso, terá de aceitar que nos últimos vinte, quinze anos, Fão e o país que somos, mudou. Mudou muito. Já não obriga a que filho de alfaiate seja alfaiate; filho de carpinteiro seja carpinteiro. É certo que os quarentões não esquecem o «bacalhau» pelo Natal e a senha da consoada à porta do brasileiro. É certo que os quarentões não esquecem «Banda de música» à chegada de brasileiros, com autarquia, foguetes e comes-e-bebes em casa solarenga. Para isso, há placas toponímicas nas ruas, fotografias na Misericórdia. Mas, meu caro, aceite que Português evoluiu. Português não é mais o «portuga» nem o «caipira». Português já não faz *socos*; já faz sapato, do fino! Aceite, conterrâneo, sem mágoa, que Português também tem direito a fazer humor e que não «discrimina» ninguém. Que o digam as «mininhas» brasileiras que «fazem pela vida» na noite lisboeta.

Vou-lhe enviar, pelo correio, os recortes dos jornais em que fundamento as minhas transcrições.

Mais informo, o amigo, que vou parar com «Pontos de Vista» por um período de seis meses. Se tiver de lhe responder, fá-lo-ei, particularmente.

Um abraço para todos os fangueiros que me lêem aí no Brasil. O «jornalinho» tem fogo!!!

Do QUIM DE FÃO



O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Por E. REAL

UM JARDIM AO ENTARDECER

Neste número de festa — o 5.º aniversário de «O NOVO FANGUEIRO» — propuséramos não falar de coisas tristes. Estávamos, porém face a uma certa dificuldade pois as notícias que até nós têm chegado através dos meios de comunicação não têm sido de molde a permitirem uma crónica propriamente alegre...

Valeu-nos nesta emergência a Mãe-Natureza, com um pequeno episódio desses que tantas vezes nos passam despercebidos por entre a freima e o bulício de um quotidiano cada vez mais trepidante e exigente:

Num destes fins de tarde ainda mornos de um sol que foi dourado e quente ao meio-dia e que, ao afastar-se lentamente para o mar se revestiu de uns tons avermelhados de fogueiras, um bando de pardais chilreava, buliçoso, saltando de ramo em ramo numa árvore do jardim. No chão, debaixo da árvore, os restos da comida do gato que, saciado, dormitava na relva, aproveitando ainda um réstea de calor. Os grãos de arroz que, em quantidade apreciável permaneciam no prato do bichano despertaram a atenção dos pardais. alguns, mais atrevidos, iniciaram voos

baixos, em círculos, «namorando» o peitisco; dois deles, mais atrevidos ainda, pousaram na beira do recipiente e vão de se banquetear com o arroz. Depressa outros lhes seguiram o exemplo e dentro em pouco o prato desaparecia sob uma «nuvem» irrequieta e penugenta.

E o gato? Aparentemente dormia mas, quem o observasse atentamente, poderia descortinar, no pelo negro do focinho, duas fendas amarelas e brilhantes que vigiavam discretamente os pardalitos. Devagar, com a lentidão subtil dos felinos, foi-se endireitando, levantou-se e caminhou silenciosa e subrepticamente até às proximidades do «local do crime». Preparava-se para formar o salto sobre os descuidados pássaros quando alguns deles, já regressados à árvore, começaram a esvoaçar, pipilando aflitivamente. Foi o sinal. Os comilões, todos a um tempo, levantaram voo, fugindo ao perigo, no momento exacto em que o gato, já lançado no ar, não pôde retroceder e foi «aterrar» ruidosamente sobre o prato vazio. Ergueu-se, sacudiu-se com aquele ar de dignidade ofendida que os gatos assumem em circunstâncias desprimorosas para o seu «prestígio», e afastou-se para o outro extremo do jardim, onde se instalou, lambendo criteriosamente as patas engorduradas.

Os pardais, esses, com os papos cheios e felizes da vida, não pararam de cantar até que a luz do dia se foi diluindo; só então se aquietaram nos seus ninhos, nos braços acolhedores da árvore frondosa e amiga.

Mais tarde, o gato teve o prato novamente cheio. Comeu, deu uma volta, e veio depois enroscar-se no seu caixote, no alpendre da garagem.

Tudo era já silêncio e calma. A paz da noite descera, como uma bênção, por sobre a Natureza e as suas criaturas.

★

E agora digam lá: este singelo episódio, afinal, não faz parte, também, do mundo em que vivemos?...

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Antes do mais, o nosso pedido de desculpa por umas «gralhas» que ultimamente têm «pousado» nesta secção, embora elas não sejam da nossa responsabilidade. Em Março, onde devia estar: «Pelo sim pelo não», foi omitido o «Pelo sim» e saiu só o «Pelo não»... No mês passado o BACALHAU DE CEBOLADA saiu como BACALHAU DE CEBOLAS!... Além disso, aquele refugado também não é da nossa autoria...

E, metidas na ordem as «gralhas», vamos lá tentar o colesterol com mais umas coisitas boas. Podemos começar com uma

CANJA DE COELHO

Depois de esfolado e limpo o coelho, põe-se numa vasilha com molho de vinagre, alho esmagado, pimenta em pó e alguns ramos de carqueja levemente borrifados de sal. Fica assim até ao dia seguinte.

Então, põe-se ao lume uma panela com água, uns pedaços de chouriço e de presunto e, quando ferver, deita-se dentro o coelho inteiro, juntamente com uma cebola, e deixa-se cozer. Meia hora antes de ir para a mesa, coa-se, deita-se arroz neste caldo, uma colher de vinagre e sal ao paladar. Deixa-se cozer o arroz e está a canja pronta.

E vamos à sobremesa:

BOLO MAJESTOSO

Ovos - 3.
Açúcar - 2 chávenas.
Farinha de trigo - 2 chávenas.
Maizena - 1 chávena.
Manteiga - 2 colheres de sopa.
Fermento em pó - 1 colher de sopa.

Bate-se a manteiga com o açúcar até formar um creme. Juntam-se as gemas, batendo bem. Misturam-se à parte a farinha, a maizena e o fermento, e vai-se deitando esta mistura no creme, alternadamente com uma chávena de leite.

Por fim juntam-se as claras batidas em castelo e mexe-se um pouco.

Vai a forno quente em forma untada com manteiga e polvilhada com farinha.

E por hoje está cumprida a nobre missão de ajudar a subir o vosso colesterol.

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

FALECIMENTO

No Porto faleceu o nosso prezado assinante António Gaia Ferreira da Silva, muito conhecido entre os amigos por Toninho.

Velho frequentador da nossa terra, era um grande amigo de Fão.

À família enviamos sentidos pêsames.

DOENTE

No Porto foi submetido a uma operação o nosso conterrâneo Sebastião Didier.

Felizmente tudo correu bem, com o nos congratulamos.

PRIMAVERA

As árvores com olhos regelados,
Erguem ao céu seus braços decepados,
Pedindo compaixão.

E fica indiferente
A Natureza hostil, sem coração;
Apenas grita o vento fortemente
Nos tristes descampados ao luar.

Mas já se ouve à distância
Cantar o rouxinol,
Já se nota a fragrância
Dos prados a acordar,
Já se sente o pulsar
Do coração de abril;
No berço lá da aurora
Já despertou o sol,
E ao longe as andorinhas
Acenam jubilosas às casinhas;
Já vem estrada fora
O carro triunfal, primaveril,
Que há-de encher de perfumes e sementes,
De folhas e de ninhos,
As árvores dormentes,
Toda esta Natureza adormecida
Nos vales, nos outeiros, nos caminhos,
Com outra e nova vida.

DINIS DE VILARELHO

MERCADO DE NOTÍCIAS

(Continuado da pág. 4)

No dia seguinte, logo de manhã, a Polícia Judiciária, cercou um acampamento de ciganos, junto de Vila do Conde, onde se presumia esconder-se a quadrilha. Quando sentiu a aproximação da Polícia, um dos ciganos, escondido entre os arbustos, atirou vários tiros de arma caçadeira, ferindo gravemente um dos polícias, tendo um dos suspeitos, aproveitado esta cena de Far-West para fugir, e sido detido um outro para averiguações.

Pelo que lemos nos jornais diários a polícia não só não perdeu tempo nas diligências como, pondo a sua vida em perigo, zelou pela nossa.

A infeliz senhora foi a sepultar no dia 28 de Abril em Vilar de Figos, deixando duas filhas de 18 e 21 anos e marido profundamente abalados.

Fão precisa de policiamento, mesmo sem quartel da G.N.R.

Uma vez mais se chama a atenção da Autorquia para a necessidade da vigilância, sobretudo, de noite.

No Verão, a Póvoa de Varzim tem um corpo de polícia de intervenção que não está sediada naquela cidade e que todos os dias vem do Porto.

São frequentes os roubos em Fão e sobretudo na zona de Ofir, no Verão. Uma terra que tem ou pretende ter no Turismo a sua maior riqueza e que vive dos visitantes de Abril a Outubro, não pode deixar que os marginais actuem em plena liberdade de movimentos, assaltando residências e automóveis estacionados.

MELHORAMENTOS

— Terminou o arranjo da caminha de trás, das Pedreiras. Tem bom piso de paralelos, mas está cheio de curvas. Não faltam os cantinhos para mictórios. Agora seria de obrigar a circular apenas num sentido, para facilitar o movimento da Rua Serpa Pinto. Os terrenos foram valorizados sem o contributo dos confrontantes. dentro de alguns anos, nasce ali mais um bairro.

MERCADO DAS RODAS

— Já se iniciaram as terraplanagens e o mercado será uma realidade naquele local. Numa visão pombalina, prevê-se a expansão da vila naquela zona. Por esse motivo, todos os terrenos próximos, diz-se, terão facilidade de construção. Não haverá obstáculos aos loteamentos, sobretudo até Dezembro.

A PONTE METÁLICA

— Apesar de ser considerada um monumento nacional, está a ser mutilada. A forma primitiva vai desaparecer, parcialmente. Neste momento os «maçaricos» cortam as «orelhas» às guardas laterais e os ferros que a protegem de lado a lado, alguns, também desaparecerão.

Diz-se que, frequentemente, os caminhões partiam os retrovisores, naquelas «orelhas» e daí, vai de mutilar um monumento nacional. Visão dos tempos.

LAR DA 3.ª IDADE

— HOSPITAL

— Acaba de sofrer uma ampliação. O lar aumentou 27 camas, mais uma sala de jantar, tipo solarium e está em construção uma nova capela anexa. Neste empreendimento foram gastos trinta mil contos com uma pequena participação do Estado.

Neste momento são 90 os hóspedes, sendo cerca de 50, naturais de Fão.

HOSPITAL — A zona de serviços foi enriquecida com novas salas de atendimento, primeiros socorros e enfermaria. Conta ainda com um bloco para radiologia e outro de ecografia. Dentro em breve, será também construído um novo bloco operatório. Faltam apenas um centro de análises clínicas para podermos considerar o hospital ao nível do que de melhor há no norte do país, na província. Neste empreendimento, foram gastos cerca de 30 mil contos e até à data sem participações oficiais, embora a mesa administrativa espere apoios de quem de direito.

MATERNIDADE — O número de quartos/camas foi aumentado para o dobro. Agora poderão «estadiar» na maternidade cerca de vinte mães.

MAIS UM ANO!

Mais um ano passado que representa o muito sacrifício imposto a todos para que «O Novo Fangeiro» compareça mensalmente em casa dos seus assinantes, especialmente daqueles que residem longe e ansiosos pelas notícias da sua Terra.

É através de «O Novo Fangeiro» que vão acompanhando o dia-a-dia da Terra que lhes serviu de berço, da qual se ausentaram na procura de uma melhoria de vida, mas a quem se encontram ligados e sempre presente nos seus pensamentos.

«O Novo Fangeiro» é um pedaço de Fão que aqueles recebem todos os meses, sempre olhando a folha do calendário e a caixa de correio, numa espera tão arreliadora, como esperançosa, pela chegada do dia... do carteiro... e das notícias...!

De imediato é uma leitura apressada e esfrega, num rápido virar de página, para logo se transformar numa leitura calma, pausada, saboreando-a como quem saboreia precioso manjar.

E vai-se guardando e relendo até à chegada de novo exemplar.

Ouvimos há anos na Televisão, não nos recordando por quem foi dito, a propósito da Imprensa Regional, que o «jornalzinho» regional é por vezes mais importante para as pessoas do que o grande diário.

Completava então o seu pensamento dizendo que enquanto o grande diário nos dava uma visão, através de enorme noticiário, de um País e do Mundo, do qual não nos devemos nem podemos alhear, o jornal regional, ou local como «O Novo Fangeiro», nos diz mais ao coração, pois nos fala de locais, coisas e pessoas que nos são queridas, por lá termos vivido e convivido. Diz-nos sempre o que queremos saber sobre a nossa Terra e sobre os nossos conceterrâneos, o que é de sobre maneira importante, em especial para os ausentes.

Se mais um ano passado representa muito de sacrifício, também representa muito de satisfação e alegria para os seus responsáveis, por mais uma etapa vencida, e com a certeza de terem sido cumpridos os princípios estabelecidos.

Embora o aniversário seja de «O Novo Fangeiro», fica-nos a dúvida sobre quem estará de parabéns. Se o Jornal, se os seus assinantes.

Enquanto no primeiro todos se esforçam e trabalham na sua futura, os segundos são o seu sustentáculo e a razão da sua existência.

Assim, creê-se que o melhor é dar os parabéns a «O Novo Fangeiro» e aos seus assinantes, pois ambas as partes os merecem.

Com o augúrio de que para o ano se possa celebrar mais um aniversário, vão os parabéns do

ARMINDO DUARTE.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Avisam-se os associados que a próxima reunião será no dia 13 nas Escolas Amorim Campos.

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO TOMATEIRO

BOTÂNICA E FISIOLÓGIA

Pertence à família das Solanáceas e tem o nome botânico de «*Solanum lycopersicum*».

Para a cultura do tomate é necessário ter em atenção as seguintes características botânicas:

- A raiz principal é curta e débil.
- O sistema radicular secundário é forte e muito ramificado.
- O caule tem a propriedade de emitir raízes quando em contacto com o solo ou com a camada de areia.

— Os lançamentos que se originam na parte inferior do colo, no caule principal, são em geral rebentos-ladrões e, como tal, florescem pouco.

O crescimento das plantas pode ser determinado ou indeterminado. Nas variedades de crescimento determinado o caule principal depois de produzir um certo número de inflorescências termina o desenvolvimento pela emissão de um cacho de flores. No crescimento indeterminado as plantas emitem vários caules que se desenvolvem com uniformidade e a um ritmo muito semelhante.

As flores agrupam-se em corimbos. Cada uma destas inflorescências é formada por 6 a 15 flores, conforme as variedades. O espaço de tempo que decorre desde a fecundação da flor até ao amadurecimento do fruto depende da temperatura e das variedades mas oscila geralmente entre 30 a 40 dias. Este intervalo pode ser reduzido no caso de se aplicarem hormonas para a fecundação.

O número de inflorescências em cada planta varia de 6 a 15, encontrando-se na dependência das variedades. Em algumas destas a flor principal de cada inflorescência costuma dar origem a um fruto defeituoso.

As variedades e as épocas climáticas da produção influenciam em larga medida o intervalo de tempo que medeia desde a plantação no terreno de cultura até ao início da colheita. Assim:

- Plantas de ciclo curto — 90 a 110 dias
- Plantas de ciclo médio — 100 a 120 dias
- Plantas de ciclo longo — 110 a 125 dias

EXIGÊNCIAS

CLIMA

As temperaturas críticas na cultura do tomate são:

TEMPERATURAS CRÍTICAS		
Congelamento da planta	-2°C	
Paragem do desenvolvimento	10° a 12°C	
Máximo desenvolvimento da planta	20° a 24°C	
Desenvolvimento normal (média mensal)	16° a 27°C	
Geminacão	temp. mínima	10°C
	temp. óptima	25° a 30°C
	temp. máxima	35°C
Nascença	18°C	
Primeiras folhas	12°C	
Desenvolvimento	de dia	18° a 21°C
	de noite	13° a 16°C
Floração	de dia	23° a 26° C
	de noite	15° a 18°C
Amadurecimento	frutos vermelhos	15° a 22°C
	frutos amarelados	mais de 30° C
Temperatura do solo	mínima	12°C
	óptima	20° a 24°C
	máxima	34°C

TEMPERATURAS DE GERMINAÇÃO E DIAS ATÉ À NASCENÇA

Temperaturas (°C)	Dias	% de plantas válidas
Até 8°C	As plantas não nascem	0
10°	45	0
15°	15	75
20°	10	95
25°	6	98
30°	6	95
35°	9	70
40°	As plantas não nascem	0

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

As temperaturas necessárias para se verificar a germinação das sementes e os dias que decorrem até ao nascimento, para sementeiras realizadas à profundidade de 1 cm foram atrás descritas.

Os valores óptimos de humidade relativa encontram-se compreendidos entre 50 a 60 por cento. A luminosidade assume grande importância visto que no caso de ser escassa a cultura é muito prejudicada.

SOLOS

O tomate prefere solos fundos, permeáveis, bem estruturados e com substanciais quantidades de matéria orgânica em avançado estado de decomposição. Quanto à tex-



BATATA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE! PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDUSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL

- (- VERMELHAS: Asterix, Bartina, Cleopatra
- (
- (- AMARELAS: Berber, Concurrent,
- (Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
- (Van Gogh



DE Z.P.C.: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

VARIEDADES PARA CULTURA EM ESTUFA

tura, os melhores solos são os arenos-argilosos ou, mesmo, alguns mais pesados. Esta planta evidencia muita resistência às condições de salinidade do solo e das águas de rega. Os solos escolhidos para a cultura do tomate devem ter um pH compreendido entre 6 e 7.



MULTIPLANTA
Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.
VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS
ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER® (LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINÍDIAS (KIWIS)
OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES
TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE

As deficiências em cálcio e em magnésio são prejudiciais à cultura. Nos solos em que se aplicou uma camada superficial de areia (arenação), o tomate pode evidenciar bom crescimento desde que a cultura tenha lugar até 5 anos depois de se ter procedido à última operação de restauração da fertilidade (rejuvenescimento). Por outras palavras, nos solos arenosos esta cultura pode desenvolver-se sem que o terreno seja trabalhado nem estrumado durante os últimos 5 anos.

ESTRUMAÇÕES

Como já se referiu o estrume deve apresentar-se muito curtido. A dose média é de 4kg por metro quadrado e por ano.

ADUBAÇÕES

Para solos sem arenação é aconselhável aplicar na adubação de fundo as quantidades seguintes de adubos (por m²):

Nitro magnésio	20g
Superfosfato de cálcio	100g
Sulfato de potássio	40g

Nos solos com camada superficial de areia (solos arenosos) a incorporação média de fertilizantes é a seguinte (por m²):

Espalhados por superfície:

Superfosfato de cálcio	100g
Sulfato de potássio	30g

ADUBAÇÃO DE COBERTURA

Época de aplicação	SUPERFOSFATO DE CÁLCIO		SULFATO DE POTÁSSIO		NITRO MAGNÉSIO		NITRATO DE POTÁSSIO	
	Solo arenado	Solo não arenado	Solo arenado	Solo não arenado	Solo arenado	Solo não arenado	Solo arenado	Solo não arenado
1.ª rega após a plantação	40		20	20	15	10		
Depois de formados os primeiros frutos	30		20	15	20	15		
Na rega seguinte	10						20	15
Duas regas depois			15	10	25	20		
Duas regas depois							20	15
Duas regas depois			10	10	25	20		
Duas regas depois							20	15

VARIEDADE	HÍBRIDO	CRESCIMENTO DA PLANTA	CARACTERÍSTICAS DO FRUTO			
			Forma	Coloração (ombros)	Peso (g)	Tamanho
Montfavel 63/5	SIM	Indeterminado	Redondo	Verde	110	Médio
Montfavel 63/18	SIM	Indeterminado	Redondo achatado	Verde	110/128	Médio
Montfavel 63/4	SIM	Determinado	Redondo sulcado	Verde	100	Médio
Piros	SIM	Indeterminado	Redondo	Verde	130	Médio
Vabel	SIM	Indeterminado	Redondo	Escarlate	150/200	Grande
US - F - II	SIM	Determinado	Globoso	Escarlate	150/200	Grande
Earlypack	SIM	Indeterminado	Redondo achatado	Escarlate	150/170	Grande
Tirana	SIM	Indeterminado	Redondo achatado	Verde	100/170	Médio
VS-3	SIM	Determinado	Globoso	Verde	150/170	Grande
Money Maker	NÃO	Indeterminado	Redondo	Escarlate	70	Pequeno
Ronald	NÃO	Indeterminado	Redondo	Escarlate	80/85	Pequeno
Bonsel	SIM	Indeterminado	Redondo	Escarlate	80	Pequeno
Topset	SIM	Indeterminado	Redondo	Escarlate	85/90	Pequeno



estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:

Humidade (%)	25 a 30	Phospho disponível	0,3 milhões por grama
Matéria orgânica (%)	25 a 30		
Nitro total (N) (%)	2 a 3	Biotinização	
Matéria orgânica (M) (%)	2 a 3	Cálcio - Cálcio, Magnésio - Cálcio, Fósforo - Cálcio, Potássio - Cálcio, Sódio - Cálcio, Zinco - Cálcio, Cobre - Cálcio, Manganês - Cálcio, Silício - Cálcio, Boro - Cálcio, Molibdênio - Cálcio	
Potássio (K) (%)	1,5 a 2		
Carbono (C) (%)	30 a 35		
pH	6 a 7		

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telef. 53386 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Vilarito 3500 VISEU

50kg KILOS

Só nas limhas destinadas à plantação:
Nitrato de cálcio 20g

Quanto à adubação de cobertura figuram atrás meramente para fins de orientação, as quantidades médias de aplicação mais usual.

REGAS
O tomate exige a adequada satisfação das suas necessidades de água, mas ressentem-se bastante quando esse líquido existe em excesso no solo.
Uma vez feita a plantação e depois de se ter verificado o pegamento das plantas deve

retardar-se o mais possível a rega. Por sua vez, quando a planta está em plena fase da floração as aplicações de água devem ser moderadas para que se não verifique o abortamento das flores.
Mais tarde, quando já esteja formada uma razoável quantidade de frutos as regas devem ser mais copiosas e frequentes para que no solo não falte a humidade necessária. Os desequilíbrios no estado de humidade do solo — seca prolongada seguida da presença de água em excesso — podem originar, além de outros transtornos de natureza vegetativa, a podridão apical do fruto e a formação de gretas junto ao pedúnculo.

VARIEDADES

Nas variedades que se cultivam em estufa há que considerar os seguintes aspectos:
— Tamanho do fruto:
Pequeno — peso compreendido entre 60 a 80 gramas.
Grande — peso superior a 130 gramas.
— Forma do fruto (achatada, oblonga, redonda, alongada).
— Aspecto exterior (liso ou sulcado).

(Continua no próximo número)



ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:
ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
engº técº agrº

MORADA: **TELEFONE:**
Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém
3830 ILHAVO

DA MINHA VARANDA

(Continuado da pág. 12)

Gostei que viessem as «enceradeiras». Assisti, enquanto cozinhava, a todo aquele trabalho de montagem até ficarem operacionais e me atordoarem com o barulho. Tinham um sinal engraçado, tal e qual como aquele que se ouve nas aerogaras. Até parecia que estava no aeroporto, só faltava ouvir: Atenção passageiros do voo 727, com destino a Frankfurt. Queiram dirigir-se ao balcão!

Essas enceradeiras, que vi pela primeira vez cá, fizeram-me reviver outro episódio interessante. Mas eu conto:

Há muitos anos, com os filhos pequenos e no nosso primeiro carro (Fiat 600, que bom!) fomos à festa das Cruzes, a Barcelos. Como de costume, comprávamos tremoços, um brinquedo simples para cada um e, felizes, corríamos a festa. Deparou, então, o meu marido, com uma enorme pista, cheia de gente que entrava e saía desses carros (ditas enceradeiras), que vimos pela primeira vez. Pegou no filho a correr e meteu-se numa, pois era preciso ser águia para conseguir alguma livre. A um sinal, tudo começou a andar e eles ficaram parados, olhando-os, deu-me enorme vontade de rir! A filha, agarrada à minha mão, perguntava porque é que o carro do papá não andava e ele, já nervoso, virava o volante para um lado, virava para o outro, mexia-se todo, pedia que lhe dessem um encontrão e... nada! Eu, cada vez ria mais, até tinha vergonha de quem me olhasse pois certamente me julgaria saída da «Casa» dali de perto...

Os encontrões sucediam-se e o carro não cedia. O meu marido já barafustava. Ninguém lhe aparecia, entretanto a volta terminava e ele não tinha andado! As pessoas trocavam-se rapidamente, umas a sair, outras a entrar. Já sinal para nova corrida e a cena repete-se. Carro avariado! Como ele gesticulasse, um dos empregados, no meio da confusão, pergunta-lhe?

— Meteu a ficha?
— Qual ficha? Mas que ficha? Para quê, a ficha?

Então é que ficou a saber que precisava de se ter dirigido a uma cabine para comprar umas fichas que se introduziam no carro e só assim ele andava!

Eu não sei como aguentei!

Quando agora vi as enceradeiras lembrei este episódio, fui transportada muitos anos atrás e voltei a rir com vontade.

Hoje, já tudo sabe, que para tudo, é preciso ficha...

Perdoe-me quem estaria talvez à espera que eu descrevesse a festa. Desta vez, enveredei por aqui. De qualquer modo, bem sabem que a nossa festa, a festa do nosso Senhor Bom Jesus, é sempre bonita, porque é nossa!...

ZINHA

AGRADECIMENTO

A Confraria do Senhor Bom Jesus, vem paten-tear o seu grande reconhecimento à Comissão de Festas de 1989 e muito principalmente a Óscar Viana.

É do conhecimento geral que havia uma Comissão que se tinha proposto em Junho de 88 e que prometia fazer festas de arromba.

Entretanto o tempo foi passando e à última hora arrepiou caminho, não obstante o à-vontade com que tranquilizavam a Confraria.

A situação tornou-se difícil pela exiguidade do tempo. Foi então que o Óscar, convidando alguns elementos de sua confiança arregaçou as mangas e meteu mãos à obra, sacrificando os seus próprios interesses, pois muitas vezes vimos a sua casa comercial fechada, para tratar do arraial, músicas, etc. E a festa saiu com requintes, nada ficando a dever às melhores do passado; mau grado o tempo não ter ajudado

Parabéns Óscar. Bem hajam os fangueiros desta estirpe.

A CONFRARIA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armindo Duarte
Florinda
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Zinha

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

DESPORTO

Pela classificação que ocupa, o Clube Futebol de Fão está em maus lençóis apesar dos dirigentes, dos atletas e amigos. As arbitragens têm prejudicado a equipa que este ano se alicerçou na «prata da casa». Durante muito tempo, esteve impedida de treinar no seu campo por falta de luz e por castigo — 3 jogos — teve de os realizar em campos vizinhos.

Há sacrifício e entrega nos jogos, mas a sorte tem sido madrastra. Depois, a assistência só aparece quando a equipa está na mó de cima. Caso contrário, são sempre os mesmos a acompanhar os nossos jogadores. É pena. Fão merecia melhor sorte, se atendermos que temos meia dúzia de «vedetas» em terras e equipas estranhas. «Santos da casa não fazem milagres». Nada perdido! ainda falta, meia dúzia de jornadas!

J. V. E. D. F. C. P.

Ribeirão.....	24	13	9	2	32	14	35
Miralinsense	24	12	10	2	38	18	34
Ág. do Graça	24	13	6	5	37	21	32
Maximinsense	24	10	12	2	29	17	32
Pousa.....	24	11	6	7	34	20	28
Sequeirense	24	8	11	5	25	25	27
Marinhas.....	24	10	6	8	24	24	26
Ceramistas	24	6	11	7	17	18	23
Aveleda.....	24	7	8	9	22	26	22
Lagense.....	24	6	9	9	22	23	21
Palmeiras.....	24	6	9	9	21	24	21
Antas.....	24	8	4	12	28	36	20
Duminsense.....	24	6	8	10	21	29	20
Coleirão.....	24	6	8	12	27	35	18
Fão.....	24	4	8	12	17	33	16
Tadim.....	24	2	5	17	14	45	9

ELECTRICISTA DE AUTOMÓVEIS

De preferência com experiência.
Vencimento compatível com a função.

Admissão imediata.

Seleccção a GARAGEM SANTOS
Serviço Oficial BOSCH
Rua Tenente Valadim, 71
4490 PÓVOA DE VARZIM — Telef. 624703

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

Da minha



varanda

por ZINHA

Mais uma vez, a festa do Senhor Bom Jesus de Fão!

É sempre a mesma festa, mais ou menos com as mesmas atracções, dentro do esquema dos anos anteriores, com mais ou menos vento, com mais ou menos chuva.

Eu, é que a vivo sempre e, para mim, apesar do desencanto dos anos que vão passando, encantam-me várias coisas e tenho sempre olhos diferentes para as ver.

A festa, para mim, começa muito cedo, estou em cima do acontecimento e, este ano, de que maneira...

Chegou a primeira «barraca!» Era de máquinas e matraquilhos. Com esta não havia problema, estas fazem sempre negócio.

À minha turma, na Escola, veio parar um

pequeno «barraqueiro». Chamava-se Bruno e como já lá houvesse outro, ele não teve problemas, e na sua voz grossa (todo ele era chicha) disse-me logo: — «Você chame-me Miguel, que eu também sou Miguel». Morávamos portanto perto, e a pedido dos pais, esperava-me para que eu o trouxesse e levasse diariamente, visto ele ser irrequieto (irrequieto era favor...)

Dali por dois dias, passei e não me esperava sentado no banco, de pasta que custou um conto e de saca plástica bem recheada para o lanche. Avancei. Como ele estivesse na véspera constipado, imaginei-o doente. No entanto, na vinda, à hora do almoço, perguntei à mãe:

— Então ele hoje fez gazeta?

— Não, sr.^a professora, eu é que adormeci e só acordei às dez horas. Para a outra vez, quando for assim, a senhora, faça favor, bata-me «n'árrulote!»

Pedi logo ao Senhor Bom Jesus que desse sono leve à mulher, pela manhã, senão lá teria que bater «n'árrulote»...

O Bruno, na turma, tornou-se atracção peça maneira como falava, como comia e como mostrava a força. Não era alto para a idade (tinha nove anos), mas tinha-me cá um cabedal, cada mão gorda, que o diga quem dele levou murros...

Mas ele gostava é que lhe perguntasse:

— Cem e cem?

— Duzentos! (Uns duzentos ditos numa voz tão grossa, tão forte e tão convencida que equivaliam aí a uns quatrocentos).

— Trezentos com trezentos?

— Setecentos! (Que pena não poderem ouvir!)

— Ó pá, tem calma! Ora pensa melhor. Não é o que disseste.

— Não é? Mas olhe que no negócio ninguém me leva! — dizia ele.

Era danado! e falava lá uma gíria que eu não entendia. Se lhe pedia que repetisse, dizia-me logo:

— Você também não aprende!

Um dia, pelo caminho, zangou-se com outro, empurrou-o e vociferou qualquer coisa que, mais uma vez, não percebi. No dia seguinte tive que lhe perguntar e depois apontei, para aprender.

— Em linguagem de feirante, quando se diz «gréssuaite», quer dizer «P'á frente».

Desta vez, fixe!

Pois era todo gréssuaite! Pendurado no coreto, lá no alto a fazer equilíbriço; a meter-se com as miúdas; a entrar e a sair continuamente com o carrocel em andamento, a trocar fichas dos seus matraquilhos por voltas de bicicleta dos seus clientes nas quais fazia cavalos, subia e descia canteiros; a dar murros em todos, mas... a bater-me à porta para oferecer fichas de outras barracas de amigos, onde eu e os meus poderíamos participar de graça!

Foi simpático conhecer-te, Bruno e... «gréssuaite», rapaz, mas com calma.

Tudo isto é a minha festa. Gosto dela antes, ao chegar, ao montar, ao arrmar. depois, bem, depois é simplesmente... uma festa!

(Continua na pág. 11)

ESPOSENDE

NOTÍCIAS VÁRIAS

— Depois de longo sofrimento faleceu, nesta vila, o sr. Fernando Jorge Perestrelo da Costa, casado, industrial de madeiras, com 74 anos de idade.

Residiu em Fão, no lugar das Pedreiras, durante alguns anos.

À família enlutada e de um modo especial a sua esposa, D. Otília Barros Ltma, os nossos pêsames.

— O rotary Club de Esposende deslocou-se nos dias 28 de Abril a 1 de Maio a Bayonne em visita ao seu clube contacto — Rotary Club de Bayonne, Biarritz, Adour.

— No Largo Rodrigues Sampaio, em palanque erguido para o efeito, exibiram-se, no passado domingo, dia 23 de Abril, diversos ranchos do concelho e um de Pontevedra-Espanha.

Este espectáculo de folclore está inserido na festa das Mimosas.

Realizações destas têm o nosso aplauso!

— Esta vila já começou a receber turistas estrangeiros que se alojaram num dos boteis da zona. Como sempre, levarão, com certeza, uma boa recordação do nosso povo, sempre cortez com quem nos visita, e da nossa terra!

— Já se nota, nesta vila, alguma movimentação partidária com vista às eleições para o Parlamento Europeu e para as Autárquicas.

— Continua a febre de construção de apartamentos e algumas vivendas, nesta vila, muitas vezes sacrificando zonas verdes. Esperamos que os licenciamentos futuros tenham em conta esta preocupação.

O.M.A.

CLIPÓVOA - Clínica Médica da Póvoa de Varzim, S.A.

SAÚDE É CONNOSCO

Sofre de pedra nos rins ou no ureter?

Sabe que a LITOTRÍCIA extracorporal sem cirurgia nem riscos de qualquer ordem pode resolver o seu problema?

Telefone para a CLIPÓVOA e marque a sua consulta com os nossos urologistas.

CLIPÓVOA — TELEFONES: 685111/685123/685135
LUGAR DE PENOUÇES
APARTADO 130
4490 PÓVOA DE VARZIM

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO